



FREEMAN, Charles. **The New History of Early Christianity**. Yale, Yale University Press, 2011.

Resenhado por Pedro Paulo A. Funari¹

IFCH/Unicamp

<http://lattes.cnpq.br/4675987454835364>

Charles Freeman, classicista e especialista no mundo antigo, foi encarregado de escrever uma nova síntese, após o clássico de Henry Chadwick, publicado há quase meio século. O volume, escrito de uma perspectiva laica e alheia à tradição da historiografia da igreja, no bojo de Eusébio de Cesárea, encontrou logo recensões muito positivas por parte de uns, mas também ataques consistentes por parte de outros. E, de fato, a abordagem de Freeman foge a toda perspectiva partidária e, por isso mesmo e à diferença de Chadwick e da tradição, não escreve sobre a Igreja, no singular, mas sobre as manifestações religiosas de inspiração cristã. Não fosse por outro motivo, isso já valeria a leitura atenta das suas quase quatrocentas páginas.

O volume começa por enfatizar que buscará tratar da diversidade, conceito central da nossa época e que se sobrepõe a conceitos que antes dominavam a literatura sobre o tema, como unidade, homogeneidade, correção da fé e desvio de comportamento, ou heresia. Os capítulos iniciais tratam do judaísmo no primeiro século, de "Jesus antes dos Evangelhos" e não do Jesus histórico, termo que ele não adota, pois parece considerar que a avalanche de estudos nem sempre são devidamente cautelosos. Não considera que se possa saber muito sobre Jesus, mas enfatiza que o trauma da crucificação mudou tudo e foi um baque devastador. Demorou muito para que a ideia de ressurreição se difundisse, já que o Evangelho

¹ Professor Titular do Departamento de História da Unicamp, Coordenador do Centro de Estudos Avançados (CEAv-Unicamp).

de Marcos, escrito muitas décadas depois da morte de Jesus não a menciona na versão original. Paulo, o judeu filho de liberto que se converteu por uma visão, mudou tudo, ao ignorar os ensinamentos de Jesus e centra-se no drama da crucificação e da ressurreição. Agostinho e Lutero, séculos depois, apenas tornariam o papel de Paulo ainda mais central para o Cristianismo.

A redação dos Evangelhos, a partir da década de 60 d.C., mais de quarenta anos após a morte de Jesus, marcou uma nova etapa, com a formalização de narrativas, diversas entre si, sobre Jesus. Quando não houve o retorno de Jesus, que deveria ser iminente, os seus seguidores tomaram novos rumos. A relação dos cristãos com o Império, com os judeus e com outros cristãos esteve no centro da vida desses seguidores de Jesus a partir do século II d.C. e daí por diante. Os gnósticos merecem atenção particular, pela oportunidade que nos oferecem de observar cristianismos alternativos e que existiram por muito tempo. Por outro lado, surgia a ideia de uma Igreja, a enfrentar a Filosofia grega, mas a visão otimista de Orígenes foi, aos poucos, suplantada pelo pessimismo que resultaria, muito depois, em Agostinho e no pecado de Adão. Os mártires, como testemunhas da nova fé, não eram, segundo Freeman, tanto perseguidos, como voluntários, diante de autoridades romanas lenientes e que eram levadas ao confronto pela obstinação dos cristãos, que queriam ser levados à morte.

O avanço das comunidades cristãs pode ser avaliado pelas evidências arqueológicas e epigráficas e talvez até 10% da população o fosse, por volta do ano 300, mas com uma distribuição muito desigual, com áreas inteiras sem qualquer indício de cristãos. Tudo isso começou a mudar com Constantino, objeto, como não poderia deixar de ser, de um estudo particular. O resultado foi uma Igreja aliada do poder imperial e uma transformação radical de culto de excluídos para uma estrutura hierárquica de poderosos. Os debates teológicos sobre a natureza de Deus passaram a dominar as discussões e isso esteve sempre relacionado ao poder terreno. Segundo Freeman, aos poucos e, em especial, a partir de Teodósio foi vitimada a diversidade cristã, com a imposição de credos e práticas e a imposição de uma única via correta (ortodoxia). Ao mesmo tempo em que a diversidade cristã era reprimida, uma campanha violenta se voltava para a supressão pela força da religiosidade não-cristã, sob o nome de paganismo ou culto a divindades maléficas.

Como resultado desse processo, a figura do bispo adquiria nova roupagem e poder. Esses hierarcas passaram a ocupar função também de mediação e mesmo defesa dos pobres, algo atestado por informações em Ambrósio e Agostinho. Mas os capítulos finais trazem um balanço bastante negativo das consequências da supremacia cristã: uma obsessão com a carne levou ao ocaso do otimismo e ao

fechamento das escolas filosóficas e de todas as tradições de pensamento crítico. O balanço não poderia ser mais sombrio e contrário à longa tradição historiográfica da Igreja.

Como avaliar o imenso esforço de síntese de Freeman? Em primeiro lugar, deve saudar-se o caráter inovador da abordagem adotada, que explora a diversidade da experiência religiosa antiga. Em seguida, sobressai a importância dada pelo autor não apenas à literatura antiga, como às evidências arqueológicas, iconográficas, epigráficas, entre outras, de modo a fornecer um quadro muito mais variado e amplo do que aquele focado apenas na tradição textual. Em terceiro lugar, a obra toma a recusa da carne, do mundo e do outro como centrais à ortodoxia e deletérios para o livre-pensamento. Em todos estes aspectos, Freeman opõe-se à obra de Henry Chadwick, cujo título já revela estar centrada da Igreja, no singular. Nem tudo que Freeman propõe parece livre de juízos fortes do próprio autor, como, por exemplo, sua visão benigna do poder romano e sua caracterização dos mártires como privados de razão, sem considerar a extensa literatura sobre como os excluídos opunham-se e resistiam ao poder. Em outras palavras, as opções interpretativas de Freeman nem sempre incluem estudos recentes que enfatizam as contradições e mazelas do mundo romano, em particular para os pobres, e que estão envolvidos na difusão popular das crenças cristãs. Mesmo assim, a leitura desta obra será benéfica, ao apresentar o leitor com um painel amplo e ao fornecer uma abordagem original em relação à tradição historiográfica cristã.